

Diversão&Arte

Kleber Mendonça Filho (de *O agente secreto*) filma a memória como se fosse um thriller — e ainda por cima com muito humor! —, e o que Fernanda Torres faz em *Ainda estou aqui* é de uma contenção maravilhosa que deveria ser estudada. Quanto à música: cresci ouvindo Elis Regina e continuo achando que *Águas de março* e todas as canções de Vinicius de Moraes contêm mais sabedoria sobre a vida do que a maioria dos tratados de filosofia que li”

Isabel Coixet, cineasta

”

UMA SENHORA

ensatez

A DEFESA DE TRAMAS DE CINEMA COM DORES LEGÍTIMAS, A CRÍTICA AO LEVANTE DA EXTREMA-DIREITA E A RIQUEZA DA CULTURA BRASILEIRA ESTÃO NO FOCO DA EXCLUSIVA AO **CORREIO** COM A MULTIPREMIADA CINEASTA ISABEL COIXET

Estamos na reta final de um festival de cinema, o mais tradicional, na capital do país, que quase não aconteceu. Como vê as vitórias suas em premiações, no circuito de eventos, e como vê o papel de financiamento ofertado com a realidade das plataformas, do streaming?

As plataformas são um animal ambíguo. Financiaram filmes que ninguém mais teria financiado e, ao mesmo tempo, impuseram uma lógica de algoritmo que nivela o risco. Eu as utilizo e sofro com elas, como todo mundo. O que me parece grave é que os festivais — o último espaço onde o cinema é visto como uma conversa coletiva — tenham de mendigar para sobreviver enquanto milhões são queimados em conteúdo esquecível. Sobre os prêmios: os que mais me tocaram não foram os mais brilhantes, mas os que vieram de lugares onde eu não esperava ser compreendida. O fato de uma espectadora em Seul, em Sydney ou em São Paulo reconhecer algo de si mesma em uma história minha continua me parecendo um pequeno milagre logístico e emocional.

Há um grande pesar, ao final da jornada do seu filme *Três vezes adeus* (em cartaz na cidade). Como se relaciona com sacrifícios de personagens?

Não encarei isso como um sacrifício. Michela Murgia (morta em 2023, e autora da semi-biografia que inspirou o filme) escreveu aquele final ciente do que sabia sobre o próprio corpo, e trai-lo teria sido uma covardia estética e moral. O cinema tem uma tendência doentia de adoçar a morte, de transformá-la em uma passagem luminosa ao som de cordas. Eu queria que doesse como dói: com desajeitamento, com coisas não ditas, com uma tigela de arroz pela metade. Perder um personagem central obriga o espectador a conviver com a ausência, e a ausência é uma matéria-prima narrativa muito mais fértil do que qualquer redenção de última hora.

Você conhece o Cinema Novo? E como se

» RICARDO DAEHN

Há mais de 40 anos refestelada no mundo do cinema e na lida com as artes, a espanhola Isabel Coixet é exemplo da expressão popular, refinada e globalizada. Aos 66 anos, ela é recorrente no circuito de festivais de cinema como Veneza, Cannes e Berlim, isso além de ter tido 10 títulos selecionados pelo prêmio Goya (considerado o Oscar espanhol). À lista de astros que já dirigiu, em que estão Tim Robbins, Juliette Binoche, Penélope Cruz, Ben Kingsley e Mark Ruffalo, agora, com o filme *Três vezes adeus* (coproduzido com a Itália), ela soma Alba Rohrwacher e Elio Germano, centrais para a trama em que a personagem Marta passa a vida a limpo. Lúcida, divertida e muito informada, Isabel, uma notável amante de música e literatura, admira de Nina Simone a Os Mutantes, passando por Elis Regina e pelo filósofo de ponta, em sua avaliação, Vinicius de Moraes. Autora de filmes como *Minha vida sem mim*, *A livraria* e *A vida secreta das palavras*, a espanhola — atenta aos legados de Glauber Rocha e Clarice Lispector — conversa com o Correio sobre algoritmo, sabotagens aos festivais de cinema, avanço da extrema-direita e uma infinidade de inspirações pessoais.

relaciona com o cinema atual brasileiro?

Claro que conheço o Cinema Novo. Vi *Deus e o Diabo na Terra do sol* em um cineclube de Barcelona aos 20 anos e saí com a sensação de que o cinema podia ser uma forma de fúria organizada. Glauber Rocha entendeu que a estética da precariedade era uma posição política, não uma limitação. E o que acontece agora no Brasil me parece extraordinário: Kleber Mendonça Filho (de *O agente secreto*) filma a memória como se fosse um thriller — e ainda por cima com muito humor! —, e o que Fernanda Torres faz em *Ainda estou aqui* é de uma contenção maravilhosa que deveria ser estudada. Quanto à música: cresci ouvindo Elis Regina e continuo achando que *Águas de março* e todas as canções de Vinicius de Moraes contêm mais sabedoria sobre a vida do que a maioria dos tratados de filosofia que li. Também sou muito fã de Os Mutantes; sempre quis incluí-los em alguma trilha sonora... Não descarto essa possibilidade!

Como vê avanços de narrativas de extrema-direita na Espanha?

Elas existem, e negá-lo seria ingenuidade. Onde governam, a primeira coisa que sofre cortes é a cultura, porque a cultura faz perguntas incômodas e eles preferem públicos obedientes. A ascensão dessas narrativas representa algo muito antigo disfarçado de novidade: o medo do outro, daqueles “que vêm tirar o nosso pão”, transformado em programa eleitoral. O que mais me inquieta não são os políticos — que, afinal, fazem um trabalho sinistro —, mas o cansaço das pessoas decentes, aquela tentação de olhar para o outro lado porque indignar-se cansa. O cinema não vai salvar ninguém, mas pode impedir que nos acostumemos.

Como tira aprendizados diante das oportunidades de coproduzir com países alheios?

A Itália (com quem fiz *Três vezes adeus*) me ensinou muito ultimamente, a começar pela

língua: rodar o filme em italiano, sendo eu espanhola, foi como cozinhar na casa de outra família com as panelas deles. Isso me obrigou a ouvir de outra maneira. O Japão me ensinou o valor do silêncio em *Mapa dos sons de Tóquio*. O mundo anglo-saxão me deu a disciplina do roteiro. Mas, sendo honesta, a cultura que mais me formou é a das mulheres que leio: Natalia Ginzburg, Annie Ernaux, Clarice Lispector, Michela Murgia. Elas me ensinaram que o doméstico pode ser épico.

Você costuma explorar o melancólico. Acha que o cinema toque níveis de cura para espectadores e público?

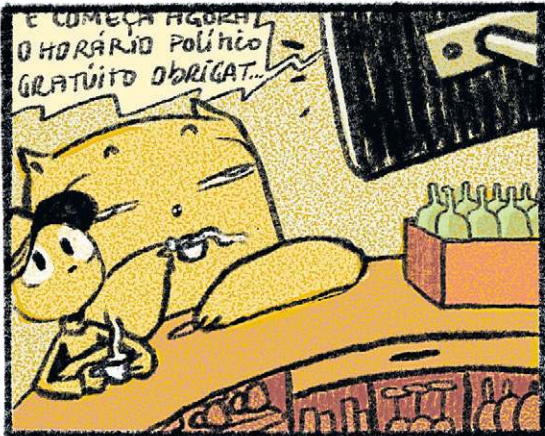
Desconfio da palavra curativo; soa a spa. Mas acredito que o cinema faz companhia, o que é diferente. Quando alguém sai de um filme meu e me diz “isso aconteceu comigo”, não se curou de nada, mas durante duas horas sentiu-se menos sozinho — e isso não é pouca coisa. Para quem filma, também funciona: já inseri em meus filmes lutos que não sabia nomear de outra forma. A melancolia dos meus personagens não é uma pose; é a constatação de que a perda é o preço de ter querido algo. E suponho que eu tenha nascido melancólica.

Como percebe a construção do masculino no seu cinema?

Interesso-me pelos homens que duvidam. O cinema produziu, durante um século, uma masculinidade de certezas, e as certezas me entediavam profundamente. Os homens dos meus filmes costumam estar feridos ou aprendendo a ouvir — o que, talvez, seja a mesma coisa. Quanto ao feminismo, o que nunca perco de vista é que as mulheres que filmo são pessoas antes de serem símbolos: elas eram, desejam de forma equivocada, mentem. Uma personagem feminina exemplar é uma personagem morta. E o jornalismo me deu o ofício de olhar: você aprende que a verdade está no detalhe que ninguém considera importante, na maneira como alguém segura uma xícara enquanto mente para você. Isso, no fim das contas, é dirigir.

GURULINO

CONTEMPLATIVO E ESPIRITUOSO
por Pedro SANGEON



@GURULINO